

Clavada en mí como un puñal en la carne

Depois do *boom* da literatura latino-americana dos anos 60, instaurou-se um ambiente de desconcerto diante dessa literatura por vir. E se desde os anos 90 esboça-se uma espécie de sincronia entre projetos de autores de distintos países, é somente agora, com uma tomada mais radical que incorpora as artes plásticas e, em especial, a arte *pop*, que a literatura latino-americana efetivamente ressurgiu. Nasceram projetos, tais como *McOndo*, no México, *Crack* ou *Las Yeguas del Apocalipsis*, no Chile, *Beleza y Felicidad* ou *Eloísa Cartonera* (cooperativa editorial que publica livros de baixo custo em Bs As), na Argentina. Todos parecem buscar uma nova poética por meio da qual se evidencia o desejo de expressar uma forma renovada de ver e de viver a literatura. Uma literatura menor que, ao mesmo tempo, verticaliza a experiência de ser latino-americana. Não obstante, continua presente nestes movimentos a necessidade de inventar uma nova práxis que devolva à arte as suas origens, num momento em que soa relativamente fácil produzi-la, dada a sua espontaneidade e dinâmica evolutiva. Os nossos autores articulam-se, precisamente, sob este viés, nessa procura por expressar a literatura como uma expressão da arte. Tal concepção literária já havia sido criada na época das vanguardas, mas somente agora aparece revestida de um frescor e de uma identidade definida: eis que se apresenta a literatura de um continente multicultural, como o é a América Latina, e de um língua que precisa ser ouvida. É sob esta perspectiva que Aira tenta construir a sua obra, como uma possibilidade de recuperar o que já estava inscrito na origem das vanguardas do princípio do século XX. O mesmo fizeram Lamborghini e Bellatin, dando continuidade à tradição do excêntrico, exaltando, no entanto, um sabor local, diferente do sabor europeu.

Não obstante, ao construir suas obras, os três escritores parecem não buscar um determinado resultado - ainda que a circulação funcione como tal -, mas, sobretudo, tratam de desfrutar o processo. Um processo que não almeja a cura da obsessão pela palavra, pela escrita e pela literatura. Ao contrário, os nossos autores querem fazer-se carne dessa obsessão. Para tanto, expõem suas ansiedades, os tormentos que provocam a obsessão: “como um puñal clavado en

la carne para en tus brazos morir”, como diz Tango “Pasional”. Afinal, que melhor forma de fazê-lo, de encapsular esta obsessão, senão através da palavra?

O que une estes três autores, além do interesse pessoal e artístico de construção de um sistema, método ou procedimento de escrita, é a genialidade de fazer-nos crer que, nas suas narrativas, tudo se confunde, sinalizando supostos sistemas complexos, para, na realidade, descobrirmos certo protocolo de leitura que nos ensina a desconfiar do narrador, do escritor e da própria obra. Diante do fato, aprendemos a rir do anômalo e desse mundo que nos oferta o simulacro. Sem que para isso, tenhamos que nos desfazer totalmente do realismo. Trata-se de um efeito da escrita que provoca dobras na ficção para colocá-la, definitivamente, como uma entidade diferente, a entidade da ação. Pois a escrita destes três autores tem como motivação uma política da ação, a de escrever sempre sem que se possa ou se queira parar. Uma escrita desbocada que, ao acaso ou não, vai construindo um sistema a partir do qual se desvendam histórias que desenham uma cultura e uma sociedade. A escrita é *pasional*, desmedida e provoca em todos os sentidos.

Poucos inclinar-se-ão, como fez Lamborghini, a retratar de forma descarnada o cenário argentino da sua época e poucos, como fazem Aira e Bellatin, ousarão publicar livros que contam histórias semelhantes, fazendo de si mesmos escritores de culto ainda em vida. Eles até estão rindo dessa excessiva figuração do autor presente na literatura e no mercado editorial contemporâneos e, talvez, como prova disso, projetem construir um escritor, um sistema de escrita e livros para publicar e fazer circular pelo mundo. Claro que tudo isso está acompanhado de um *know-how* da escrita. Definitivamente, eles parecem rir de tudo e de todos, até de si mesmos. E, para isso, precisam criar mundos estranhos que choquem os leitores e os despertem de certo letargo. Depois do *boom* da América Latina, estes autores providenciaram um dos movimentos artísticos mais interessantes, uma vez que, desde a largada, já estavam condenados ao fracasso, mas de uma forma ou de outra sobreviveram. Essa estabilidade conquistada tem a ver com o fato de sempre manifestarem autenticidade, ainda que poucos tenham conseguido enxergá-la desta forma. A literatura má destes autores é quase sempre lida sob as lentes da literatura séria, o que tem causado certa incongruência por parte da crítica.

A proposta artística destes três autores consiste em nos advertir sobre o momento de virada em que a literatura estava se metendo e, conseqüentemente,

em apontar uma mudança de paradigma que precede à aparição dos livros eletrônicos, mas que, de alguma forma, se antecipa ao enxergar o livro como um objeto de coleção e as suas histórias como fragmentos desse grande álbum. Um jogo de espelhos que nos mostra a literatura como a grande biblioteca ou coleção, cada livro como uma peça-chave, como objeto de coleção, mas que não se encerra em si, ainda que as histórias narradas neles também se transformem em miniaturas colecionáveis a cada nova entrega. Tudo é diminuído à enésima potência e, ao mesmo tempo, através da proliferação, realiza-se um movimento de implosão, buscando-se assim esburacar o sistema. Tudo isto está englobado dentro do marco da arte conceitual, na qual as obras dos autores, por meio da réplica, podem ser exibidas simultaneamente em diferentes lugares. Lamborghini, em seu pontapé inicial, intuía que o que estava fazendo com a palavra traduzia-se num portal para uma literatura futura. Mas, serão Aira e Bellatin os que darão forma a esse projeto original, depositando as suas particulares características nas obras? Desde os finais abruptos até a superposição de estereótipos e de clichês fundidos com o absurdo e com a monstruosidade, estes autores buscam impactar a recepção. Para tanto, reativam um procedimento de escrita que precisa ser rastreado pelo leitor, sugerindo, assim, uma espacialidade literária renovada, ainda que resguardada na cotidianidade como cenário para os seus relatos.

Assim, dor, riso e capacidade de recuperação se misturam para superar a obsessão pela palavra, pela escrita compulsiva e aleatória. Uma escrita que está marcada por um ritmo frenético e imparável, pois estar imóvel representaria a morte. A palavra, para os nossos autores, está verdadeiramente cravada na carne por medo de perdê-la e de se perder com ela ou dela. E, portanto, a paixão que une os sistemas de escrita destes escritores faz com que a sua originalidade ofusque os demais. A empreitada não foi nem é fácil, talvez outros também a tenham perseguido em vão, mas poucos tiveram a sua persistência. Os nossos escritores acreditaram, como Quixotes, numa forma de ler e também de escrever a literatura do nosso tempo. Inventaram mundos fabulosos, alegorias e paródias, para adentrar na condição humana e para dizer o que ninguém mais queria dizer deste modo.

Verifica-se, portanto, que a palavra se faz carne nos nossos escritores. E é nesta materialização do verbo que nasce uma criatividade inusitada. A criatividade de um gênio que não tem medo de criar e de continuar criando, sem se importar com o fim. A criatividade de um gênio que desfruta a degustação da jornada

artística escrevendo sobre o mundo de hoje, tão louco, tão inverossímil e, ao mesmo tempo, tão real. A criatividade não de um só gênio. Mas do gênio verdadeiramente criador, que está inscrito em Lamborghini, em Aira e em Bellatin.